

APRESENTAÇÃO: OS MÚLTIPLOS AGENCIAMENTOS DA EXPERIÊNCIA LITERÁRIA

Antonio Barros de Brito Junior (UFRGS)

antbarros@gmail.com

Alexandre Nodari (*species*/UFPR/CNPq)

alexandre.nodari@gmail.com

Quando os organizadores deste número 72 da revista *Organon* propuseram a chamada, o mundo era bastante diferente do que é hoje. A pandemia de SARS-CoV-2 – ou, como é popularmente conhecida, “a pandemia do novo coronavírus” –, implicou em uma redefinição do trabalho, uma reestruturação das relações, uma territorialização excessiva no âmbito digital, bem como nos expôs ao contágio e à morte de modo bastante inusual e amedrontador. Para além das dificuldades que o confinamento e o trabalho remoto nos impuseram, este número, no entanto, veio à luz, ainda que num momento pouco propício para celebração. Mesmo assim, à parte a infeliz coincidência de eventos, não deixa de ser curioso ou, talvez, minimamente instigante o fato de que a edição lide indiretamente com questões que se tornaram salientes nestes últimos meses de pandemia. Se na chamada fazíamos menção aos diferentes modos de agenciamento literário, enfocando os meios pelos quais a literatura especula sobre entidades e formas de vida imanentes, depois da quarentena a realidade das práticas pós-pandêmicas nos deu uma importante lição, não apenas uma lição de humildade sobre nosso lugar no cosmos, mas também e sobretudo uma amostra do quão intrincados estamos todos – animais, humanos, vírus, cidades, tecnologias, mídias etc. –, num grande e único espaço vital onde qualquer contato importa. Em meio a isso, ficou mais clara, para os organizadores, a urgência da chamada, uma vez que seu intuito era justamente articular as diversas possibilidades presentes no trabalho estético e literário como forma de dar a ver e salientar os diferentes modos de existência tão presentes na estética e, ao mesmo tempo, tão menosprezados pelo pensamento político e científico costumeiro.

Não se faz aqui de uma ocasião infeliz uma oportunidade de celebração. O momento ainda é de luto profundo e de circunspeção. Não obstante, a chamada de artigos atingiu o seu propósito, atraindo a produção acadêmica de colegas pesquisadores e professores de todo o Brasil. Dando prova, mais uma vez, de que o pensamento crítico e a produção científica resistem a despeito das circunstâncias sociais e políticas desfavoráveis, os artigos aqui reunidos colaboram, direta ou indiretamente, para pensarmos as diferentes articulações do sujeito ocidental com seu contexto, através das diferentes abordagens sobre o material estético-literário à disposição. Chama-nos a atenção, portanto, a variedade temática dos artigos e resenhas, que englobam autores e autoras de diferentes espectros, sempre acrescentando um novo ponto de vista ao viés dos múltiplos agenciamentos da experiência literária. Se, na chamada, pretendíamos evidenciar o modo pelo qual a literatura faz a experiência de entidades sobrenaturais ou imanentes, de trajetórias de vida intrincadas e afetadas pelas diferentes formas de ser no mundo, os textos desta coletânea cumprem essa função e a levam além. De um modo ou de outro, eles nos expõem à complexidade da existência, abrindo caminho para uma outra compreensão da materialidade da vida e de suas diferentes formas de expressão. Assim, o que se descobre, nesses textos, é que “tudo está em tudo”, isto é, que a realidade do Antropoceno – que não faz segredo sobre o quanto o modo de vista capitalista alcança, com sua mão destrutiva, os confins do planeta – é absolutamente significativa para a compreensão de nossa posição no cosmos. A literatura, como tal, no seu papel especulativo de imaginar outros mundos em outras fronteiras (como na ficção científica, por exemplo), e também no seu lugar de elaboração crítica das condições materiais de vida (como se vê na abundante produção literária pós-colonial), não se furta a contribuir para pensar este mundo, antes ou depois da catástrofe humanitária, sanitária e ambiental. Não que ela seja um pensamento de segunda ordem, que aguarda ansiosamente a opinião da ciência; muito pelo contrário: ela é o pensamento-em-si dessa materialidade, expressando (talvez hesitantemente, mas com coragem) os meandros dessa relação entre o humano e a natureza, entre a produção material do sujeito no capitalismo avançado e as entidades espectrais que ele gera no seu lixo, na sua depredação, no seu genocídio e ecocídio, entre o mundo real e o mundo especulativo onde esperança (utopia) e desespero (distopia) coexistem.

Sendo assim, os leitores deste número encontrarão importantes reflexões sobre as várias vinculações da literatura com o problema do sujeito e dos diferentes modos de existência que o circundam na experiência estética. A começar pela experiência do corpo do escritor e sua ligação com a máquina de escrever, que podemos ler no artigo de Jesús Arellano

(UFMG) sobre Mario Bellatin: aqui, vemos a fusão do corpo e da máquina como um emblema do próprio ofício da escritura no autor mexicano. O corpo também é objeto de reflexão do artigo assinado por Gabriel Philipson (Unicamp-FU/Berlin) e Fábio Roberto Lucas (UFMG): nele, a partir de um poema de Herberto Helder, abre-se uma reflexão acerca do conceito de conceito kopenawiano *utupë*, que desemboca na especulação sobre a poesia-pensamento e os horizontes políticos que essa ideia abre aos autores, em oposição ao materialismo histórico ortodoxo. Já a ideia de máquina retorna no artigo de Biagio D’Angelo (UnB), que trabalha com dois romances do escritor russo Mikhail Bulgákov a fim de salientar como as estratégias narrativas distópicas presentes em sua obra mobilizam uma imagem ao mesmo tempo grotesca e sublime dos maquinários repressivos da URSS por volta da década de 1920. Nesses três artigos, portanto, a especulação sobre a imbricação entre corpo, máquina, imagem e processos de escritura dá forma à crítica da repressão e da violência, bem como dá a ver processos de escritura que embaralham os sentidos da existência humana enquanto ponto de vista desincorporado da materialidade expressiva da vida.

Além da máquina, a imanência também é captada nos artigos do número através da reflexão sobre a vizinhança entre o humano e o animal. Na concepção partilhada pelos organizadores, segundo a qual os animais também são criadores de mundo e fazem mundo juntamente com os humanos, o artigo de Paula Amparo (UFRJ) em coautoria com Gabriel Martins da Silva (PUC-Rio), o artigo de Cristiane Checchia (UNILA) e a resenha de Davi Tomm (UFRGS) refletem essa certeza. Amparo e Silva dedicam-se à questão do olhar nas narrativas de Clarice Lispector, mais especificamente “O Búfalo” e “Tentação”, destacando que o encontro com o animal, na obra da autora, promove um deslocamento significativo das hierarquias estabelecidas entre o humano e a besta. Checchia, por sua vez, escorando-se primordialmente no pensamento de Juan José Saer acerca da literatura como antropologia especulativa, traz-nos uma leitura importante sobre como os escritores transitam entre corpos e alteridades significativas para realizar suas obras, acercando-se, assim, de um tipo de “transe xamânico”, uma vez que há incessantes deslocamentos de pontos de vista. Quanto à resenha de Tomm, ela nos apresenta as contribuições que o livro de Donna Haraway recentemente traduzido no Brasil, a saber, *Manifesto das espécies companheiras* (editora Bazar do Tempo), faz ao debate sobre a diferença entre o humano e o animal a partir de uma perspectiva própria da autora, que conjuga uma formação antropológica com a experiência com os *pets* e com competições entre equipes de humanos e cães (*agility*). No manifesto – Tomm destaca –, há um clamor para um novo tipo de relação entre as espécies, que não se escora numa ética e

num moralismo banais, mas que leva em conta a simbiose e o histórico de convivência entre espécies. Ainda nessa linha, saudamos o exercício de escrita literária incorporado na seção livre do periódico. Ali os leitores encontrarão o texto de Antonio Candido da Mata e Hilan Bensusan (ambos da UnB), que fabula uma série de despachos escritos por vírions, dando conta das diferentes experiências de contágio entre humanos e organismos microscópicos ao longo não apenas da história social humana, mas também da história literária, num típico exercício especulativo que a ficção promove.

Aliás, a história literária está marcadamente presente na coletânea deste número da *Organon*. Basta ver o quão expressivos são os escritores e as escritoras que servem de base para as reflexões dos autores do dossiê: além dos já mencionados Bellatin, Bulgákov, Lispector e Helder, nomes do calibre de Franz Kafka, Antonin Artaud, Marguerite Duras e Guimarães Rosa integram a constelação. Kafka e Artaud aparecem juntos no artigo de Annita Costa Malufe e Matheus Bagaiolo Raphaelli (ambos da PUC-SP), em que a crueldade e a autodestruição fazem parte de um processo criativo que tem como resultado a incapacidade de transcendência e uma alternativa ao niilismo ocidental; aqui, uma forma incomum de batalha pelo corpo e pela radicalidade da existência se dá na narrativa kafkiana e no teatro do absurdo artaudiano. Antonin Artaud, inclusive, está também presente no texto de Diego Lock Farina (UFRGS): através de uma frutífera aproximação entre o dramaturgo e um de seus mais destacados leitores, Gilles Deleuze, Farina destaca os procedimentos estéticos artaudianos a fim de mostrar como eles se opõem fortemente às concepções tradicionais de mimese, *télos* e identidade, que são parte importante do arsenal crítico da modernidade à qual, de algum modo, os escritos múltiplos de Artaud fazem frente. A multiplicidade é também tema do artigo de Isabela Magalhães Bosi (PUC-SP), que trata de três escritos homônimos de Marguerite Duras. Nesse artigo, Bosi também lança mão de Deleuze a fim de esclarecer como a personagem Aurélia Steiner, uma judia, torna-se uma espécie de “emblema” de todos os judeus. Com isso, as questões de identidade e subjetividade aparecem sob o pano de fundo da representação do horror da guerra e da morte, simbolizada, nesse caso, na morte da mosca narrada por Duras. Além de Duras, a obra de Clarice ganha outra abordagem no estudo de Mateus Toledo Gonçalves (UFPR), que articula a filosofia de Emmanuel Levinas a fim de realizar uma leitura cuidadosa e intensiva do conto “Amor”, trazendo para o primeiro plano a “pessoalização do mundo” e das coisas na narrativa de Lispector. Por fim, Guimarães Rosa, de tão rica presença em dossiês sobre o perspectivismo graças ao seu célebre conto “Meu tio o Iauaretê”, ingressa no dossiê pela reflexão de Leonardo Petersen Lamha (UFF). No seu artigo,

Lamha trabalha com os escritos da antropologia de Eduardo Viveiros de Castro para confrontar algumas das leituras mais tradicionais do *Grande Sertão: Veredas*.

E não são apenas os escritores e as escritoras do *mainstream* que integram esta edição. Além deles, vale destacar os nomes de Marcílio Castro, Davi Kopenawa, Benjamin Sanches, Scholastique Mukasonga e o hinário da religião do Santo Daime, que são, respectivamente, abordados na resenha de Roniere Menezes (CEFET-MG) e nos artigos de Marcus Antonio Schifino Wittmann (UFRJ) e Eduardo Santos Schaan (UFRGS), de Priscila Lira de Oliveira (UFPR), de Lucas Demingos e Maria Petrucci (ambos da UFRGS) e de Fernanda Vivacqua Boarin (também da UFRGS). Esses textos comprovam o interesse cada vez mais crescente da crítica em autores periféricos, trazendo a diversidade para o centro da discussão sobre a imanência e os diferentes modos de existência. Roniere Menezes, em sua resenha, mostra como a poética de Marcílio Castro engendra um constante estranhamento sobre as formas da escrita e a nossa percepção dos lugares, das pessoas e das sociedades, mediante uma cuidadosa cartografia de sentidos desenvolvida da lírica do escritor mineiro. Wittman e Schaan, por sua vez, trabalham com o livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu*, com o objetivo de captar a tessitura complexa de vozes atuantes que agenciam o que se poderia chamar de “autoria” no registro da cosmologia yanomami. Priscila Oliveira toma o conto “O Miolo”, de Benjamin Sanches, com o intuito de mostrar a inalienável presença da natureza e da selva nas cidades literárias do autor manauara; aqui, a exemplo do livro de Kopenawa, há a forte presença de entidades provenientes da selva, que, no âmbito literário, produzem importantes transformações na vida cotidiana através de sua emergência no espaço urbano, fundindo, assim, ambos os espaços geográficos. Em coautoria, Demingos e Petrucci elaboram uma refinada reflexão entre os vínculos afetivos e estéticos no contexto do genocídio tutsi em Ruanda a partir da potente escrita de Mukasonga; aqui, o relato indireto de si através das histórias da mãe da personagem do livro *A mulher de pés descalços* salienta a importância da narrativa da catástrofe para a construção e o reconhecimento de identidades políticas apagadas. Finalmente, não se pode deixar de enaltecer o trabalho de Boarin, que num tom ensaístico que se mescla com a investigação crítica mais formal, mostra-nos como o uso ritual da planta (ahuyasca) altera os modos de pensar sobre o sujeito e a alteridade, a partir de um estudo da poética da performance nos cantos rituais do Santo Daime.

Mas, além disso, este número da revista *Organon* abunda em reflexões teóricas de profundidade e interesse interdisciplinar. Fundindo os horizontes da estética, da teoria da literatura, da filosofia e da antropologia, alguns artigos da coletânea aprofundam os vínculos

entre o texto literário e a produção e a compreensão dos diferentes modos de existência num contexto marcado pela perda de referenciais teóricos e políticos, bem como pela emergência de novos saberes para a construção de futuros possíveis. Ainda que não seja essa a expectativa dos artigos publicados na seção livre, não resta dúvida de que eles dão um passo consistente na direção de uma literatura especulativa, que desloca o ponto de vista logocentrista ocidental sem necessariamente adotar um viés multiculturalista celebratório. Em vez disso, o que se nota é que os artigos em questão operam com conceitos oriundos de diferentes campos para expor a experiência literária a uma outra forma de valoração, que pretende acolher na escrita e na leitura um tipo de transformação afetiva e de consciência que dê conta das materialidades significantes da natureza, sem opô-la diretamente ao espírito humano. Se de espírito falamos, então podemos dizer que se trata, na verdade, de espectros, forjados na imanência do contato com diferentes existências e modos de se fazer relações com o mundo. Assim, os artigos dos organizadores, Antonio Barros de Brito Junior (UFRGS) e Alexandre Nodari (UFPR), cada um a seu modo, estendem os limites do pensamento estético para margens inauditas. Brito Junior tenta pensar sobre a excepcionalidade da estética e da literatura, bem como na sua posição ambivalente no que tange ao pensamento e à criação de mundos que podem eventualmente abrir horizontes possíveis para um tipo diferente de práxis materialista. Nodari, por sua vez, investe no conceito de “equivocação”, de Eduardo Viveiros de Castro, que se superpõe à ideia de equivalência persistente na poética ocidental, colocando-a em contraponto com as poéticas indígenas. Os organizadores estão acompanhados do brilhante texto do filósofo e físico Gabriel Catren (Université Paris Diderot-CNRS), em tradução de Mateus Toledo Gonçalves e Matheus Ichimaru Bedendo, intitulado “O Fenúmeno” (“*Le phénoumène*”), em que se encontra uma provocativa e altamente complexa reflexão sobre o perspectivismo, a transcendência e o fenômeno, no sentido de apontar para uma concepção materialista da racionalidade científica que leve em conta a perspectivação no ato de instituição material do sujeito da experiência. A esses textos publicados na seção livre ainda se soma o artigo de Luiz Guilherme Fonseca (PUC-Rio), que busca apresentar o legado da “virada ontológica” para os estudos da literatura a partir de uma bibliografia que engloba, entre outros, Nodari e Catren.

Com esses textos que formam a presente edição da prestigiosa revista *Organon*, cremos que damos uma importante contribuição não só para os estudos temáticos da literatura especulativa, como também para os estudos literários em geral. A qualidade dos textos reflete o compromisso e a seriedade dos pesquisadores com sua tarefa na produção do conhecimento

e na divulgação dos resultados de seus esforços em pesquisa – esforços cada vez mais extenuantes num contexto de corte de verbas, sucateamento das agências de fomento e das instituições e perseguição política ao pensamento científico. Acreditamos, enfim, que este número dará continuidade ao histórico de publicações influentes da revista, servindo de fonte, inspiração e, mais do que tudo, referência crucial para os próximos estudos.

* * *

Os organizadores gostariam de agradecer o apoio de Sara Luiza Hoff, que trabalhou incansavelmente no auxílio com as questões técnicas. Agradecem, também, os editores pela compreensão com as dificuldades operacionais e pela confiança depositada em nosso trabalho, e os revisores, que trabalharam muito para assegurar uma edição impecável. Endereçamos, é claro, um agradecimento especial aos autores e autoras presentes no número, bem como aos(às) postulantes que enviaram seus artigos em uma quantidade que impressionou e alegrou os organizadores. Por fim, entusiasticamente agradecemos os(as) pareceristas, cuja inestimável colaboração não somente tornou possível a existência do número, como também foi essencial para garantir a sua qualidade. A todas essas pessoas, que ajudam a pesquisa a progredir, nossa maior expressão de estima e consideração.

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.119763>